



A GÊNESE DA CONSCIÊNCIA MORAL EM NIETZSCHE E FREUD – UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA.

ANNE KAROLAYNE SANZI¹

RESUMO

O propósito desse artigo é elucidar em que medida o pensamento de Sigmund Freud se aproxima da filosofia Nietzscheana e como por esta foi influenciado, articulando os conceitos de Má Consciência (Nietzsche) e Superego (Freud) por meio de uma análise das obras *Genealogia da Moral* e *Mal Estar Na Civilização* dos respectivos autores.

Palavras-Chave: Epistemologia, Superego, Má Consciência, Freud, Nietzsche.

ABSTRACT

This article aim at elucidating how the Sigmund Freud's thinking approaches of the Nietzschean philosophy and how it was influenced by it, articulating the concepts of Bad Conscience (Nietzsche) and Superego (Freud) through an analysis of the works *Genealogy of morality* and *Malaise in Civilization* of their respective authors.

Keywords: Epistemology, Superego, Bad Conscience, Freud, Nietzsche

INTRODUÇÃO

Apesar das recorrentes afirmações de Freud sobre seu desconhecimento acerca da obra de Nietzsche, são muitos os indícios que mostram que ele teve certa familiaridade com a obra do filósofo, em especial com *Genealogia da Moral* que fez parte da lista de obras debatida nos encontros da Sociedade Psicanalítica de Viena. Também conviveu com pessoas que foram próximas de Nietzsche e alguns dos principais discípulos do psicanalista nutriam interesse pela filosofia nietzschiana e por essa foram influenciados², sem mencionar as referências explícitas de Nietzsche ao longo da obra de Freud³. Porém, não vamos aqui apenas tentar identificar algum grau maior ou menor de filiação entre eles, pois, mais

1. Graduanda em Ciências Sociais (Bacharelado) na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Email: karollayneanne@gmail.com

2. Para esclarecimentos acerca disso, ver artigo de Itaparica (Sobre a gênese da consciência moral em Nietzsche e Freud. São Paulo, 2012)

3. Para ver esses indícios de forma mais abrangente, consultar a Introdução e a Primeira Parte do livro de Paul-Laurent Assoun (Nietzsche e Freud. São Paulo: Brasiliense, 1991, pp. 9-87).

4. André Luís Mota Itaparica. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Bahia, Brasil. E-mail: itapa71@gmail.com.



importante do que isso, nas palavras de Itaparica⁴, é: “observar os temas que os aproxima, procurando indicar as possíveis causas dessas proximidades”, e esse é um trabalho que vem sendo feito em obras relativamente recentes como, por exemplo, *Nietzsche e Freud* de Paul-Laurent Assoun.

Dentre os temas que aproximam o pensamento de Freud e Nietzsche, podemos destacar a descrição da gênese da consciência moral, tema desse artigo.

I. CONSCIÊNCIA MORAL EM NIETZSCHE E FREUD

Tanto *Genealogia da Moral* quanto *Mal Estar Na Civilização* trazem como questão central a discussão acerca da relação entre a gênese da consciência moral e o desenvolvimento da cultura ocidental.

Para Nietzsche, a consciência moral surge da interiorização dos instintos selvagens do homem, impulsos agressivos que se voltam como violência contra o próprio homem em prol da preservação da dinâmica social estabelecida de acordo com as regras internas instituídas por um grupo que pune aqueles que não as respeitam e se tornam assim uma ameaça a coesão que sustenta a civilização.

Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro - isto é o que chamo interiorização do homem; é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que comprimido entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora. Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade - os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões - fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, contra o próprio homem. (GM II, 16)

Sendo assim, a consciência é formada sob a pressão desse “Estado” primevo que leva o indivíduo a internalizar a violência que antes seria externalizada contra algum semelhante, esse processo é consequência de uma “violenta separação do homem de seu passado animal” (GM II, 16.).

Essa Má Consciência que se dá por meio da interiorização dos impulsos agressivos é o ponto central do processo de hominização e por ser um processo de autoagressão, o indivíduo adocece e assim permanece. “Com ela [a má consciência], porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o adoecimento *do homem com o próprio homem*” (GM II, 16.).



Essa má consciência inicialmente animal não possui caráter consciente ou moral, era, por assim dizer, uma matéria-prima só após um longo processo que a levará a ser entendida como pecado é que ela adquirirá o aspecto moral de uma consciência de culpa (ITAPARICA, 2012). Essa descrição da gênese da consciência moral como inerente a um sentimento de culpa é trazida por Nietzsche no início da segunda dissertação de *Genealogia da Morale* segundo ela, a moralidade se constitui por meio da obediência as normas impostas pelos costumes de um grupo social, que pune aqueles que se desviam. É essa a, chamada por Nietzsche de, “camisa de força social”, responsável por tornar o homem confiável.

Ver-sofrer faz bem, fazer sofrer mais bem ainda - eis uma frase dura, mas um velho e sólido axioma, humano, demasiado humano, que talvez até os símios subcrevessem: conta-se que na invenção de crueldades bizarras eles já anunciam e como que ‘preludiam’ o homem. (GM II, 6).

Essa crueldade humana nada mais é senão uma herança de seu passado bestial. A má consciência não é uma criação do castigo e sim nasce como resultado do efeito deste castigo que faz o homem se sentir responsável pelo próprio sofrimento, passando a considerar suas ações e pensamentos como suscetíveis a punição.

Nietzsche menciona em *Além do Bem e do Mal* e em *Ecce Homo* que a segunda dissertação da *Genealogia da moral* “oferece a psicologia da consciência: esta não é, como se crê, ‘a voz de Deus no homem’ - é o instinto de crueldade que se volta para trás, quando já não pode se descarregar para fora. A crueldade pela primeira vez revelada como um dos mais antigos e indelévels fundamentos da cultura” (EH, Para genealogia da moral, p.97). Sendo assim, o homem permanece adoecido porque a sublimação de seus impulsos violentos nada mais é que uma renúncia induzida à plena satisfação de seus anseios primitivos.

Freud explica o surgimento da consciência moral de forma semelhante a Nietzsche. Para ele, esta também surge como resultado de um processo de interiorização dos impulsos através do qual a violência que se voltaria contra o outro, volta-se contra o próprio indivíduo e passa a ser sentida como culpa passível de punição.

De que meio se vale a cultura para inibir, tornar inofensiva, talvez eliminar a agressividade que a defronta? (...) O que sucede nele [o indivíduo], que torna inofensivo o seu prazer na agressão? (...) A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida para o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Superego e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos



estranhos. À tensão entre o rigoroso Superego e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. (FREUD, 2010, p.92).

Em *O Mal Estar Na Civilização*, Freud nos mostra que a cultura se inicia, não eliminando os impulsos agressivos, mas reprimindo-os e interiorizando-os, dessa forma provocando insatisfação no indivíduo que tem sua pulsão de violência desviando-se contra si mesmo. Bem como em Nietzsche, Freud ao analisar a consciência moral apresenta para esta duas gêneses, compreendida como uma função do Superego (a execução da tarefa de vigiar e julgar o eu), origem do sentimento de culpa (a percepção, por parte do eu, da vigilância do Superego), que por sua vez se traduz em uma necessidade de castigo (masoquismo do eu). (ITAPARICA, 2012).

Conhecemos, então, duas origens para o sentimento de culpa; o medo da autoridade e, depois, o medo ante o Superego. O primeiro nos obriga a renunciar a satisfações instintuais, o segundo nos leva também, ao castigo, dado que não se pode ocultar ao Superego a continuação dos desejos proibidos. (FREUD, 2010, p.97).

Em Freud, a consciência moral do homem surge, primeiro, a partir da culpa gerada pelo receio que o indivíduo tem de ser punido por uma autoridade externa ao realizar algum ato tido como proibido; em seguida, da internalização dessa culpa pelo Superego funcionando como um agente moral da civilização interiorizado no homem e, por assim dizer, vigiando, não apenas as atitudes tomadas, como também os pensamentos e desejos mais profundos. Ou seja, mesmo sem a consumação do ato, o superego age, já que ainda existe o desejo de realizá-lo. Assim, o superego canaliza contra o Ego o impulso de morte - todo e qualquer impulso destrutivo, agressivo e etc. - vigiando, culpando e fazendo nascer no Ego um anseio por punição que nada mais é senão o sadismo do Superego transformado em masoquismo do Ego.

Temos aqui dois movimentos: um que insiste que o indivíduo renuncie às suas satisfações instintivas e um outro que estabelece uma autoridade interna da qual nada pode ser ocultado; o primeiro não passa de um medo pela perda do amor da autoridade externa, pois, ao perder esse amor, perde também a proteção contra a punição; portanto, apenas o segundo deve de fato ser chamado de consciência. *“Uma grande mudança só se realiza quando a autoridade é internalizada através do estabelecimento de um Superego. Os fenômenos da consciência atingem então um estado mais elevado. Na realidade, só então devemos falar de consciência ou de sentimento de culpa.”* (FREUD, 2010, p. 94). A dinâmica desse processo é bastante complexa pois, ao renunciar aos instintos, o ego produz



consciência que, por ser função do superego, produz mais renúncia instintual (ITAPARICA, 2012).

No que lhe concerne, a origem do superego faz alusão ao mito de Édipo e, segundo a narrativa trazida em *Totem e Tabu*, isso se dá “como expressão de Eros e do impulso de morte nos sentimentos de amor e ódio experimentados pelos parricidas em relação ao genitor” (ITAPARICA, 2012).

Em *Totem e Tabu*, Freud nos diz que segundo a psicanálise o animal totêmico é um substituto do pai quando todo o clã participa da matança desse animal - ato usualmente proibido, e se alimenta de sua carne, ossos e vísceras em uma refeição totêmica para, logo em seguida, prantear em luto pelo ato cometido. E essa atitude emocional ambivalente - matar o “pai” e depois pranteá-lo - também caracterizaria o complexo-pai presente em muitas crianças nos tempos modernos e que, por vezes, perdura ainda na vida adulta.

Tudo aí que encontramos é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem. (...). Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem-sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um adquirindo parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião. (FREUD, 1996, p.149-150)

Ainda para Freud, os irmãos estavam cheios pelos mesmos sentimentos contraditórios possíveis de serem observados nos complexos-pai: eles odiavam o pai por esse representar um obstáculo aos seus anseios por poder e a seus desejos sexuais, mas, ao mesmo tempo, também o amavam e admiravam. Então, após mata-lo, satisfazendo o ódio que sentiam e pondo em prática o desejo de se identificar com ele, todo o afeto até então recalcado vem à tona sob a forma de remorso. “Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo” (FREUD, 1996, p.151)

O super-eu é um produto filogenético que remonta à horda primitiva e que na ontogênese se atualiza na internalização, pelo indivíduo quando criança, da agressi-



vidade que seria exteriorizada em direção da autoridade paterna. É nessa relação com o mito da horda primitiva que Freud encontrará o surgimento do culto aos antepassados e a criação de divindades. Mas, neste caso, não será, como em Nietzsche, formas de transposições da relação jurídica entre credor e devedor, mas de transposições do conflito edipiano. (ITAPARICA, 2012)

II. SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS

É preciso observar, não apenas os aspectos em que as análises de ambos os autores acerca da gênese da consciência moral se aproximam, também em que medida se distanciam e um dos principais, se não o principal motivo desse distanciamento é a divergência entre o ponto de vista adotado por cada um: em Nietzsche trata-se de uma tese genealógica configurada tal qual um tratado de psicologia moral, embora em certa medida se estenda pelo terreno da psicanálise; já em Freud, a análise é feita em uma linguagem própria da psicanálise e se ordena dentro do aparato psíquico desenvolvido pelo próprio autor, para a psicanálise freudiana ainda a explicação do sentimento de culpa parte de uma análise genética. “Em ambos os casos, há uma preocupação tanto com uma análise antropológica e cultural quanto com o seu substrato biológico.”. (ITAPARICA, 2012)

A análise cultural feita por ambos possui um tom pessimista na medida em que, ao se basear em uma teoria dos impulsos e em hipóteses genéticas visando conceber uma psicologia da consciência moral em sua relação com a cultura, eles concluem que:

Devido às características agressivas e violentas de certos impulsos humanos, o surgimento da consciência moral e a ascensão da cultura só puderam ocorrer por meio de uma repressão desses instintos, que são redirecionados e se revestem do mando da civilidade, embora possam ser liberados a qualquer momento e se expressarem de formas pungentes como na violência física e na guerra. (ITAPARICA, 2012)

Ainda segundo Itaparica, podemos encontrar, tanto em Nietzsche quanto em Freud, “um estudo genético das origens dos conceitos morais a partir de suas motivações psicológicas, uma concepção similar do surgimento da consciência moral e uma derivação dos produtos a partir da economia pulsional”. Por fim, o que ambas as análises nos mostra é que a civilização só pôde vir a existir através da repressão e insatisfação dos instintos primevos dos indivíduos e do sofrimento psíquico generalizado e apenas por causa disso se mantém, porém, também por causa desses mesmos fatores pode vir a extinguir-se. Em um de seus fragmentos póstumos, publicado em 1882, Nietzsche afirma que a última consequência da moral seria negar a si própria, ou seja, o desenrolar histórico da civilização ocidental



provocaria, de forma catastrófica, a dissolução dos alicerces morais que sustentam essa mesma civilização (MELO NETO, 2017, p.47)

No decorrer da nossa reflexão até aqui, foi possível perceber que os dois autores concebem a consciência unicamente como uma *má consciência* que faz seus julgamentos morais apenas negativamente, através da recriminação e da culpa. Nietzsche tenta superar seu pessimismo ao defender uma consciência afirmativa existente entre os fortes, entre aqueles não-ressentidos e tido por ele como verdadeiramente saudáveis enquanto todos os demais estariam adoecidos por essa má consciência; enquanto Freud concebe essa má consciência como algo contra o qual não se pode lutar.

Nietzsche enxerga a civilização como um processo que domesticou o homem. O filósofo compreende esse Estado civilizado como uma instituição coercitiva que por meio da força e da constante ameaça de punições e castigos, controla os indivíduos, submetendo-os à norma e ao “âmbito da sociedade e da paz” (GM II, 16).

Antes da vida regida pelo “Estado”, o homem estaria inserido num estágio selvagem no qual descarregaria todos os seus impulsos violentos, de maneira livre, contra adversários externos. Nesse sentido, nesse estado “pré-político”, o homem seria uma espécie de besta feroz que, existindo no ermo selvagem, exerceria seus impulsos violentos sem nenhum tipo de barreira moral ou legal. (MELO NETO, 2018)

Com o estabelecimento do Estado, o homem já não podia mais expressar livremente seus impulsos violentos, para a promoção de uma sociedade pacífica tais impulsos tiveram de ser coibidos, interiorizados e o homem foi “inibido de sua descarga para fora” (GM II, 16). Embora, os velhos instintos não tenham cessado “repentinamente de fazer suas exigências!” (GM II, 16). Por fim, esse amansamento do homem seria o que o torna um animal doente, a negação de seus instintos poderia levá-lo à negação da própria vontade do homem e, até mesmo, da vida. Embora não dê para negar o tom pessimista de Nietzsche, seu empreendimento consiste em uma superação desse estado de má consciência e negação, em uma transvaloração dos valores. A consciência moral é tida então como uma doença da qual se pode esperar, no futuro, resultados positivos já que foi por meio dela que o homem se tornou um animal interessante, pois, não sendo determinado ou fixado (“das noch nicht festgestellte Tier”. Cf. JGB/ BM 62, KSA 5.81), é ao mesmo tempo matéria e artista, podendo, desse modo, se recriar em uma forma superior. (ITAPARICA, 2012).

Não podemos esquecer, entretanto, que as propostas do *eterno retorno* e do *Além-do-Homem (Übermensch)*, que são apresentadas como uma elaboração de uma nova possibilidade de relação do homem com o corpo, a civilização e os impulsos que unem ambas as



instâncias, expressam uma posição inconformista do filósofo diante do niilismo, no qual, para usar uma linguagem freudiana, os impulsos de morte acabam por exercer predomínio sobre os impulsos de vida (ITAPARICA, 2012).

Nietzsche entende que a moral ocidental foi em princípio fundamentada na figura do Deus judaico-cristão e enraizada nessa tradição, na qual um ser onisciente vigia e julga as ações de cada ser humano e esse julgamento seria o fator determinante do destino reservado para cada um no além-da-vida-terrena. Os bons, aqueles que viveram de acordo com os ensinamentos desse Deus, viveriam a eternidade sob sua glória; enquanto aqueles tidos como maus, receberiam a condenação a danação eterna. “A crença em Deus aparece como um elemento fundamental para a sustentação da moral ocidental” (MELO NETO, 2017, p. 49). E, por isso, Nietzsche afirma em *Crepúsculo dos ídolos* que a moral cristã, por ter uma origem transcendente, só é verdadeira se Deus for verdade também, “ela se sustenta ou cai com a fé em Deus” (CI, *Incurões de um extemporâneo*, §5). Então, o advento da morte desse Deus (anunciada pelo filósofo em *A Gaia Ciência*), levaria ao desmoronamento de tudo que nessa crença se sustentava. E se Deus estava morto o que, agora, iria determinar o bem e o mal? E qual seria o sentido da vida terrena, se não havia mais a possibilidade de um depois, em especial para aqueles que vivem em sofrimento e negavam essa vida, à espera de uma recompensa posterior por sua fé, obediência e devoção?

Em suma, a morte de Deus provocaria a perda da autoridade reguladora dos antigos valores e, por isso, traria à tona o problema do niilismo. Todavia, no contexto do pensamento nietzschiano, o niilismo denota ainda outro problema, a saber, o sentimento de falta de sentido provocado pela falência das significações oferecidas pelos fundamentos da antiga moral. (MELO NETO, 2017, p.50).

Um sentimento de ausência de significado para a existência terrena, uma desilusão quanto a uma possível redenção seria provocada no homem ocidental, podendo leva-lo a “precipitar-se num estado de total desânimo frente a existência nesse mundo” (MELO NETO, 2017, p.51). Entretanto, para Nietzsche, esse niilismo moral também era compreendido como uma possibilidade de implementação de novos e mais saudáveis, na concepção nietzschiana que compreende a moral judaico-cristão como uma doença do ocidente; seria esse um momento necessário para o projeto de transvaloração dos valores que daria um novo sentido, de afirmação, à existência terrena, tendo essa existência como o próprio referencial de si mesma. Não mais haveria negação da vida, pois não haveria a ilusão de um além-vida para ser almejado.

Porém, para que esse projeto de valoração fosse efetivado, nas palavras do Zaratustra: “o



homem deve ser superado”, ou seja, o homem fruto da moral vigente até então precisaria ir além, tornando-se um indivíduo capaz de amar e afirmar a vida como esta se apresenta, em todo seu gozo e desgraça, tornando-se assim o *além-do-homem*. Mas o que daria sentido à vida terrena, agora com Deus morto? A existência puramente pela existência? A resposta a isso é o “maior dos pesos”: a doutrina do eterno retorno que carrega consigo o peso da eternidade e uma nova forma de concebê-la, pois, a partir do *eterno retorno do mesmo* “o peso ético’ da eternidade não estaria mais localizado num além-mundo, mas sim neste mundo terreno.” (MELO NETO, 2017, p.96). Se antes, o que dava sentido a existência humana era a esperança de uma vida eterna de prazeres e glórias no além, agora o que daria sentido a essa mesma existência seria sua repetição eterna.

O maior dos pesos - e se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolado solidão e dissesse: -“esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem - e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente - e você com ela, partícula de poeira!” (...). a questão em tudo e em cada coisa, “você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela? (GC, p.341)

Por sua vez, Freud concebe a cultura como a representação do resultado de “uma luta entre Eros, impulsos gregários, sociais e construtivos, e os impulsos de morte, desagregadores, antissociais e destrutivos.” (ITAPARICA, 2012). Freud descreve o impulso de morte como possuidor de um claro caráter pessimista e apresenta a vida como um desvio do objetivo do orgânico, a morte. Como em Nietzsche, a índole destrutiva desse impulso é reprimida e interiorizada em prol da preservação da civilização, significando também para o psicanalista um amansamento dos instintos selvagens natural do homem. “A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior” (FREUD 2010 p. 92). Por isso, a tensão entre o indivíduo e a civilização cresce a medida que essa última se desenvolve. Quanto maior o desenvolvimento, maior a tensão. Porque os avanços são diretamente correspondentes às insatisfações dos impulsos.

É possível concluirmos que Nietzsche e Freud compartilhavam concepções próximas de como se dava o funcionamento do aparelho psíquico em decorrência do ambiente cul-



turalmente quase contemporâneo no qual viveram e de ambos terem tido interesse em psicologia e biologia.

Por fim, podemos encerrar nosso exercício reflexivo da seguinte maneira: 1) há, de fato, semelhança entre a filosofia da moral nietzschiana e a teoria psicanalítica de Freud. A maior convergência entre eles se encontra na percepção da consciência moral como uma má consciência, que se desenvolve na passagem do estado selvagem primitivo para uma sociedade pacífica e civilizada, responsável pelo adoecimento generalizado dos indivíduos na cultura moderna; 2) No que concerne as divergências, diríamos que há uma incongruência inconciliável de princípios: Freud mantém uma visão dualista ao postular sua teoria dos impulsos, fazendo uma diferenciação entre a forma como os impulsos erótico são redirecionados, resultando em arte e ciência, e a interiorização dos impulsos agressivos que funciona como produtora do sentimento de culpa. Freud considera tais impulsos como distintos. Já Nietzsche, por outro lado, era um crítico ferrenho de qualquer concepção dualista e adota o conceito “*vontade de potência*”, que nada mais é que o constante combate dos impulsos entre si, [“como um ponto de intersecção entre o físico e o psíquico (...), como uma expressão que resulta da redução de todas as manifestações humanas motoras e psíquica” (ITAPARICA, 2012)]

Nietzsche coloca o redirecionamento dos impulsos e interiorização dos mesmos de forma dicotômica: não há para ele, então, uma forma destrutiva e outra construtiva da vontade de potência, tudo depende do lugar ocupado em uma relação de forças.

Dessa maneira, fica claro que há uma aproximação teórica, ao mesmo passo em que há um afastamento, entre os autores, que se dá de formas diversas. Ao comparar o pensamento de ambos, vemos que as semelhanças entre a gênese da consciência moral trazida por eles se sustenta em bases divergentes, Freud e Nietzsche estão de acordo quase tão somente na concepção do processo de interiorização dos instintos primevos. Mas a natureza desses instintos é distinta entre si, bem como o modo que se dá organização da estrutura que os teoriza.



REFERÊNCIAS

1. ASSOUN, P.-L. Nietzsche e Freud. São Paulo: Brasiliense, 1991.
2. FREUD, S. O mal-estar na civilização. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
3. NIETZSCHE, F. Genealogia da moral. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
4. _____. Ecce Homo. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
5. _____. Além do Bem e do Mal. Trad. Paulo César. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
6. _____. A Gaia Ciência. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
7. _____. Assim Falou Zaratustra. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
8. _____. Fragmentos Póstumos. 4. Vol. Madri: Tecnos, 2007.
9. _____. Obras Incompletas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1983 [Coleção Os Pensadores].
10. ITAPARICA, A. Sobre a gênese da consciência moral em Nietzsche e Freud. Cadernos Nietzsche 30. São Paulo, 2012.
11. MELO NETO, J. Dez Lições Sobre Nietzsche. São Paulo: Editora Vozes, 2017.
12. MELO NETO, J. Convergências e divergências entre Nietzsche e a tradição contratualista moderna: a noção nietzschiana de “Estado” nas seções 16 e 17 da segunda dissertação de Genealogia da moral. Cadernos Nietzsche vol.39. São Paulo, 2018.